

**A PRESENÇA MITOLÓGICA NO CONTO “NEREIDAS”,
DO AUTOR IMPERATRIZENSE ANTONIO COUTINHO**

Andreia dos Santos Marques Amorim (UEMASUL)
andmarques81@hotmail.com

Mariana Soares dos Santos (UEMASUL)
mariribeiro989@gmail.com

Gilberto Freire de Santana (UEMASUL)
gbfsant@gmail.com

RESUMO

O presente artigo se propõe a explicar a ocorrência mítica e sacra no conto “Nereidas”, do autor Imperatrizense Antonio Coutinho, por meio do processo dialógico. Para isto, buscou-se embasamento nos pressupostos teóricos do dialogismo, Bakhtin (1988), da intertextualidade, Kristeva (1969), e do sacro e do profano, Eliade (1972), a fim de entender a contribuição mítica na construção narrativa. Analisou-se as propriedades subjetivas do conto com o intuito de compreender o processo de apropriação mitológica. Visou-se analisar a conexão entre o mito e as concepções psicológicas e literárias, além da influência do mito nas perspectivas sacras e profanas. Todo este processo foi delineado segundo as disposições desconstrutivistas de análise, baseada nas disposições teóricas de Derrida (1971), mostrando a funcionalidade das interações entre os elementos narrativos mediante os fatores referenciais de construção.

Palavras-chave:

Dialogismo. Mitologia. Nereidas.

ABSTRACT

This article aims to explore the mythical and sacred occurrence in the short story “Nereidas”, by Imperatriz author Antonio Coutinho. For this, it was sought base on the theoretical assumptions of dialogism, Bakhtin (1988), of intertextuality, Kristeva (1969), and the sacred and the profane, Eliade (1972), in order to unveil the mythical presence in the narrative construction, the possible powers of meanings that they establish in the exercise of revisiting and, consequently, updating. The subjective properties of the tale were analyzed in order to understand the process of mythological appropriation, as well as the connection between myth and psychological and literary conceptions, as well as the influence of myth on sacred and profane perspectives. This whole process was delineated according to the deconstructivism dispositions of analysis, based on Derrida (1971) theoretical dispositions, showing the functionality of the interactions between the narrative elements upon the referential factors of construction.

Keywords:

Dialogism. Mythology. Nereidas.

1. Considerações iniciais

A construção textual é resultado da ação de diversos discursos sociais e históricos que corroboram para o enriquecimento do texto. Visto isto, as fortunas discursivas implícitas, em especial nas produções literárias, atuam como material metafórico e subjetivo que constituem as forças interpretativas e catalisadoras de sentidos.

Nesta perspectiva, o artigo aqui apresentado visualiza o conto “Nereidas”, da obra “Osculário”, de autoria do escritor imperatrizense Antonio Coutinho, pelo aspecto mitológico em que a obra objeto apoia sua construção narrativa. A estrutura analítica em que consiste o presente estudo decorre das disposições desconstrutivistas, uma vez que inverter a interpretação lógica dos segmentos possibilita um processo de leitura mais produtivo. Derrida (1975, p. 53-4) entende que “[...] desconstruir a oposição é primeiro, num determinado momento, derruba a hierarquia.”, entendendo que a desconstrução se estabelece mediante a confrontação de opostos que denotam a presença de relações, fundamentando a contemplação da realidade em que o literário existe.

Isto posto, a apropriação mitológica explorada em “Nereidas” comporta a simbologia da ritualização e articula os elementos do mito a fim de estabelecer um jogo entre a construção da história contada e as referências históricas que norteiam os sentidos em eminência. A preferência pela constante atuação dos símbolos mitológicos gregos no conto, implicam no surgimento de um processo de ressignificação oriunda do exercício de percepção desconstrutivista e apropriação intertextual.

A produção literária possibilita inúmeros mecanismos metafóricos que competem a subjetividade inerente ao gênero, trata-se então, do contorno intratextual que subentende as narrativas e viabilizam a percepção extracontextual dos conjuntos metafóricos existentes. Mediante este paradigma, cabe relacionar o processo de concepção da literatura como um sistema inteiramente interligado com os fenômenos que tangem os aspectos sociais, históricos e culturais. Para isto, se fundamenta os preceitos da literatura comparada como um artifício determinante para a abrangência destas e outras disposições importantes para concepção da realidade e para a construção do ficcional. Sobre isto, Machado e Pageaux (1998) afirmam que:

O conhecimento da Literatura Comparada ensinou-nos, entre outras coisas, a conceber o fenômeno literário como um fenômeno de cultura, a nunca esquecer que um texto literário é uma forma especial de comunicação e, conseqüentemente, de simbolização do mundo. Em suma: a nunca

dissociar “literariedade” e contexto cultural, mesmo social, dado que o fenômeno literário é também um processus de socialização, pela própria existência do público leitor, das relações entre produção literária e realidades sociais. (MACHADO; PAGEAUX, 1998, p. 166)

A fim de melhor refletir acerca destas estruturas, o presente estudo se embasa nos pressupostos do dialogismo e da intertextualidade mediante a perspectiva da influência mitológica no conto “Nereidas”, apresentando por meio do mito o desvelar dos mistérios que norteiam a construção narrativa do conto.

2. Dialogismo

O dialogismo apresentado por Mikhail Bakhtin propunha, além da conversação entre os discursos textuais, a relevância do outro enquanto sujeito receptor na organização de sentidos. Para o autor, o confronto entre discursos originava um tenso conflito que demandava um complexo processo de elucidação dos significados discursivos (BAKHTIN, 1988, p. 153). Sugerindo que a atuação das vozes discursivas manifestadas dependia da absorção do leitor pelo texto, considerando a familiaridade com as vozes reveladas e com o despertar da memória discursiva. Orlandi (2003, p.33), entende este fenômeno como a atividade consciente de identificação das vozes intra e inter discursivas em um texto, que possibilita a compreensão das passagens narrativas com mais facilidade, uma vez que ocorre o reconhecimento das abordagens e temáticas.

O dialogismo detém uma valiosa apreensão do desenvolvimento narrativo, depreende acerca do diálogo estabelecido entre vozes para constituir a unicidade discursiva. Mediante isto, cabe relacionar este processo de construção narrativa com a interação entre textos durante sua concepção, sendo assim, “[...] um texto evoca não só a representação da situação discursiva, mas também os recursos textuais que têm ligação com essa situação e ainda o modo como o texto em questão se posiciona” (BAZERMAN, 2006, p. 92). Trata-se da apropriação circunstancial de outros textos com a finalidade de determinar uma nova cadeia de sentidos a partir de um discurso central, o desenvolvimento da ressignificação enquanto meio viável ao ciclo de desconstrução e reinvenção narrativa.

A organização intertextual parte do que Genette (2006, p. 8) definiu “[...] como uma relação de co-presença entre dois ou vários textos, isto é, essencialmente, e o mais frequentemente, como presença efetiva de um texto em um outro [...]”, a forma explícita de ação de um texto sobre

outro, como em um procedimento de retorno aos discursos.

Sob a orientação da difusão discursiva o romancista busca proceder segundo a liberdade da estrutura do texto literário, se apossando das mais variadas influências textuais, Kristeva (1969) reflete sobre esta dinâmica apontando que o texto literário não parte de uma perspectiva estanque, mas sim da influência de diversas estruturas textuais.

Partindo disto, evidencia-se a estilização como alicerce na produção do objeto de estudo, sendo a ocorrência do uso de um discurso “[...] em um plano estilizado, no qual seu sentido vai de encontro ao sentido do texto fonte, ou seja, há concordância dos dois planos discursivos [...]” (GUIZZO, 2010, p. 3), constituem-se então, a conversação harmoniosa entre os discursos e textos, no qual um se utiliza do outro para fazer sentido. Visto que o autor visualiza a narrativa central nesta perspectiva, a elaboração literária se organiza em meio a nívelação discursiva realizada por este sujeito, construindo e idealizando a narrativa literária. Bakhtin (VOLOSHINOV) compreendia essa liberdade como a impressão do estilo pictórico, mecanismo que permite ação autoral no texto, podendo “colori-lo com as suas entonações, o seu humor, a sua ironia, o seu ódio, com seu encantamento ou seu desprezo” (1986, p. 150).

As formas atribuídas à construção literária, apenas licencia as riquezas implícitas na multiplicidade de leituras que o texto possibilita. Como resultado da subjetividade literária tem-se a representação simbólica e por vezes ficcional da realidade, esta, por sua vez, é responsabilizada por relativizar a compreensão fortuita desta realidade, ao mesmo tempo em que subverte a perspectiva concreta, evidenciando os aspectos lapidados deste plano e buscando a reflexão acerca dos conflitos internos dos indivíduos e suas relações sociais e culturais.

E nesta tentativa de subverter e paradoxar o real, a linguagem e o sujeito se realizam por meio do compartilhamento e do diálogo entre textos. A manifestação de discursos, vozes, textos e referenciais são fundamentos primordiais, desde a produção até o complexo diálogo do texto com seu leitor.

3. *A literatura e o mito*

Para entendermos o poder somático da mitologia em “Nereidas”, cabe definir o que se constitui como mito, para enfim, compreender importantes aspectos comportamentais dos sujeitos. Monfardini (2005, p.

50 *apud* VERNANT, 1992, p. 174) inicia abordando a intrínseca relação do mito com a sociedade, onde se constrói o princípio de oposição que distingue os eventos sobre-humanos das noções racionais que comportam o homem sociável. Para autor, a dicotomia mito e lógica surge justamente pela influência da padronização social, que sugere o distanciamento do homem com suas origens mais primitivas. No que cerne a crença em ações sobrenaturais, este comportamento nasce no decorrer dos séculos com a criação de pensamentos mais enrijecidos acerca das perspectivas da ação humana.

Eliade, discorre acerca do mito assegurando que:

Eles contam como, nos “tempos do sonho” isto é, nos tempos míticos – esses Entes Sobrenaturais fizeram seu aparecimento sobre a Terra e empreenderam longas viagens, detendo-se algumas vezes para modificar a paisagem ou para produzir certos animais e plantas, até finalmente desaparecerem sob a terra. Vemos, portanto, que a “história” narrada pelo mito constitui um “conhecimento” de ordem esotérica, não apenas por ser secreto e transmitido no curso de uma iniciação, mas também porque esse “conhecimento” é acompanhado de um poder mágico-religioso. (ELIADE, 1972, p. 15)

Sendo assim, o mito é fundamentado na tentativa de explicar o mundo, de trabalhar por meio de eventos incomuns, e propiciados pela ação divina, a realidade e sua existência. Ela concebe a descrição do mundo e das condutas mais assertivas do homem por meio do que é sacro, e respaldando as ações humanas segundo estes preceitos.

Partindo do caráter essencial do mito, a formação inicial do homem é moldada a partir das definições regidas pela sociedade. O mito nesta realidade é relativizado e seu potencial se restringe as delimitações espaciais, sendo, por meio da concretização desse distanciamento que ele surge na escrita. Vernant (1992, p. 173) diz que “a organização do discurso escrito é paralela a uma análise mais cerrada, um ordenamento mais estrito da matéria conceitual”. A materialização das narrativas pela escrita atribuiu aspectos mais racionais sobre a realidade, esta consolidação do mito estabeleceu um processo de transformação das formas narrativas, em que o mito passa a ser história. Monfardini (2005) aponta essa relação ressaltando que:

A forma mítica refere-se a um passado longínquo demais para poder ser apreendido; já a história abarca o passado mais recente, que pode ser testemunhado e que tem uma existência real no tempo humano. Também aqui o mito se insere no âmbito do fabuloso, ao contrário da história, que

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

se pretende verdadeira. [...] Afastando-se da filosofia, da história, e das ciências de um modo geral, é no campo da literatura que o mito vai encontrar abrigo, e é aí que terá continuidade, ainda que sofrendo algumas alterações. [...] (MONFARDINI, 2005, p. 51)

A visão pessimista de perda da natureza mítica, enquanto forma e conteúdo, se afasta com a presença da literatura, é nela que o mito se refugia e reencontra o teor subjetivo e a onipotência condizente a sua verbalização. O mito e a linguagem constituem uma relação de existência comum, (CASSIRER, 1985, p. 10) as duas formas compartilham da mesma raiz fundamental, a de que ambas são oriundas de uma relação concentrada nas percepções cognitivas do ser.

Partindo disto, a busca pela simbolização qualifica a formação subjetiva de conteúdo, na literatura essa peculiaridade é traduzida pela metáforização linguística. Neste campo, ocorre um esforço por tentar alcançar a essência da realidade pela ação das palavras, um processo de nivelamento que descontroem o espaço deixado pelo distanciamento da escrita, são subterfúgios da língua em que o pensamento “(...) metafórico original da linguagem, que a aproxima do mito, não é, no entanto, totalmente suprimido; ele sobrevive na expressão artística” (MONFARDINI, 2005, p. 53).

Entretanto a narrativa mítica passou por diversas transformações no decorrer dos tempos e das concepções filosóficas. Sua evolução resultou, na literatura, uma importante mudança de perspectiva e uso. Contemporaneamente a influência mitológica resulta na metáforização dos conflitos pessoais da consciência humana.

Sob um olhar psicanalítico é possível visualizar o mito manifestando-se pelo imaginário e subconsciente humano, sendo os sonhos reflexos do estado emocional e psíquico do ser, estes articulam representações incomuns e ilógicas a razão humana por uma ação involuntária da mente.

Para a corrente psicanalítica iniciada por Freud, e percorrida na sua obra “A interpretação dos sonhos”, os sonhos são retratos de conflitos e comportamentos humanos, bem como, também a descrição singular de eventos e manifestações mitológicas. Essas aspirações, porém, também são entendidas como reações ao que Carl Jung preconiza como arquétipos, o desenvolvimento por meio do imaginário coletivo de representações comuns a todos, denominado pelo psicanalista como um “sistema dinâmico de símbolos, arquétipos e esquemas” (1997, p. 62-3). Constituindo a recriação de símbolos, comuns a todas as culturas de al-

guma maneira, e que catalisam os aspectos mais puros das representações geradas pelas civilizações.

As pesquisas de Freud sobre o inconsciente abrem caminho para diversas investigações acerca do imaginário. Através das descrições dos sonhos de seus pacientes, o psicanalista pôde detectar manifestações de dramas existenciais já representados nos mitos gregos (veja-se o complexo de Édipo, por exemplo). O inconsciente humano, que vem à tona principalmente no sonho, revela-se, assim, o último reduto desse pensamento mítico que, com a evolução do espírito, foi relegado ao estatuto de pura imaginação. As imagens guardadas no inconsciente surgem, então, como a grande chave para o conhecimento do ser humano. (MONFARDINI, 2005, p. 53)

Nesse sentido, o mito perdura entre os séculos e sobrevive a transformações da sociedade, seus aspectos e abordagens se diversificaram e mesmo com algumas peculiaridades, sua influência é indissociável às atividades humanas. No campo literário o surgimento do caráter ficcional contemporâneo, reflete a releitura mitológico como busca de desvelar os conflitos humanos, externos, de âmbito social, e internos, de acepções sensoriais e psicológicas.

4. A presença do mito: sacralização ou profanação simbólica

O mito dispõe de vertentes fundamentais às proposições simbólicas, explicar a realidade contempla fatores responsáveis pela acreditação mitológica. A realização do sagrado surge em comunhão com a concepção de sujeição do homem, a crença em algo superior responsável pela criação das coisas e da existência constitui a base do entendimento mitológico.

Para isto, menciona-se as hierofanias, revistadas por Eliade nos episódios míticos, sendo estas as manifestações mais específicas do mito, constituindo:

[...] uma história sagrada, quer dizer, um acontecimento primordial que teve lugar no começo do Tempo, ab initio. Mas contar uma história sagrada equivale a revelar um mistério, pois as personagens do mito não são seres humanos: são deuses ou heróis civilizadores [...] proclama a aparição de uma nova “situação” cósmica ou de um acontecimento (...). Portanto, é sempre a narração de uma “criação” [...] (ELIADE, 1992, p. 50)

Partindo disto, apreende-se que a presença do sagrado constitui o apogeu do sobrenatural na realidade humana, o contato mais fiel e creditado pelo homem. Este, por sua vez, sempre tendenciou aos dogmas como forma de aproximação com o sentimento mítico, a fim de reiterar o

processo cosmogônico.

Nesta perspectiva, emerge a concepção de profanidade como contraste ao sagrado. Sobre isso, a existência é inserida em conjunto com as visões de um mundo puro e santificado, em comunhão com o “cosmos”, que seria a parte fragmentada e adulterada da realidade conhecida pelo caos. Estas concepções solidificam as disposições acerca da distinção realizada pela sociedade em converter as ações humanas segundo os dogmas sagrados para salvação.

No conto “Nereidas”, percebe-se a presença da atemporalidade mítica como recurso para reiteração e ressignificação da manifestação mitológica das ninfas gregas. Isto é possível, porque:

[...] o tempo sagrado é por sua própria natureza reversível, no sentido em que é, propriamente falando, um Tempo mítico primordial tornado presente. Toda festa religiosa, todo Tempo litúrgico, representa a reatualização de um evento [...] (ELIADE, 1992)

Trata-se então, da reintegração cosmogônica, ir além da relatividade do tempo, possibilitando a agregação de valor a reatualização. É o retorno a origem do fato divinal.

5. O mito das nereidas e o aprisionamento mitológico em “Nereidas”

As nereidas, segundo a mitologia grega, são seres divinos, filhas dos deuses Nereu e Dóris. Eram ninfas veneradas pela benevolência e generosidade para com os navegantes. Seu pai Nereu, um poderoso deus aquático e mais antigo que Netuno, era considerado um guardião do mar, muito justo e sábio mantinha os mares tranquilos e prontos para navegação.

As nereidas são descritas como belas e gentis, seres que em muitos episódios mitológicos ajudavam os marinheiros a enfrentar as intempestivas reações de alguns deuses em alto mar. Muito sedutoras, hipnotizavam os viajantes, além de serem retratadas algumas vezes como metade mulheres, metade peixes, deixando bem explícito a ligação destas com o mar. Camões cita as ninfas em “Os Lusíadas” nesta perspectiva.

O conto “Nereidas” se sustenta a partir da transcendência dos simbolismos da mitologia grega para construir a narrativa de Nádía e Nise. Imersa em um ambiente frenético de consumismo e perda do próprio ser, Nádía se vê absorvida pelo vazio, porém a inquietude provocada pela ânsia do autoconhecimento se intensifica com a chegada da personagem

Nise.

A presença das mitologias antigas nas narrativas contemporâneas é tendenciada à reflexões interiores, conflitos pessoais. Neste contexto, é importante mencionar que a opção por dialogar com o mito das Nereidas deixa explícito dois conceitos discursivos: a complexidade emocional e a percepção do feminino.

Nádia é descrita como uma jovem em perturbação, enquanto Nise representa a beleza, a jovialidade, a alegria e a sedução. As duas são extremos que interagem em função do ato da descoberta. Neste direcionamento, as ações de Nise têm participação ativa na resolução das inquietações de Nádia, o que resulta na mútua descoberta.

Percebe-se que as personagens estão mergulhadas no contexto mitológico, a narrativa sugere esse espaço pela inebriante relação das personagens com as simbolizações inerentes. Nádia apresenta uma certa obsessão pela água, em uma sede incontrolável por ser arrematada pela fúria e amenidade do elemento.

O aprisionamento da água, apresentado na narrativa, dialoga com o estado de espírito conturbado de Nádia. Ao mesmo tempo em que a própria água parece pulsar em sincronia com a personagem, ela é mostrada como algo em constância, existe um sentimento de inquietação, pronta para ser deglutida.

Entende-se que tanto Nádia quanto Nise são representações modernas do mito das Nereidas em um contexto que possibilita essa apropriação. A ânsia de Nádia é movida pela realidade vazia de uma sociedade controlada pelo consumismo exacerbado e egoísmo, um espaço que ignora a subjetividade dos sentimentos humanos e prioriza as preocupações fúteis da padronização social.

A apreensão da personagem na busca por sua própria essência é contornada por um caminho podado pelas unificações dessa sociedade, isso explicita o receio de Nádia em concretizar as indagações da alma, como se deixar afogar pela água. Assim, as nereidas são implementadas neste contexto a fim de fortalecer a representação do espírito livre, tão almejado pelas personagens.

Nádia é narrada segundo o olhar deturpado da sociedade, um ser desajeitado e sem atributos físicos. Entretanto, a realização interior da personagem resulta em sua transfiguração, o que provoca no narrador uma descrição psicológica e até física da personagem na sua exuberância

mais complexa. Passa-se a enxergar Nádía segundo a descrição de uma legítima ninfa grega, uma vez que a partir desta mudança até o espaço da personagem parece modificado ao belo e natural habitat das ninfas. Ocorre uma transcendental mudança que pressupõem ao leitor novas perspectivas acerca do belo, tangendo uma ruptura da visão superficial do próprio ser em relação ao seu redor, uma vez que as nereidas da literatura grega são seres libertos do pragmatismo social.

Visto isto, a apropriação das ninfas na personagem de Nise, não só das ninfas como a de outras figuras mitológicas com a “medusa de fogo” citada no conto, é sugerida pelo narrador pelo aspecto de uma “vênus juvenil”, um ser completo e infinitamente belo. Nise é um arquétipo de beleza, um ser desproporcionado ao mundo ao qual está inserida, que concentra todas as atribuições físicas e divinais das personagens mitológicas. Ocorre também nesta descrição uma sutil erotização pertinente a apropriação da narrativa, que não cabe nem mesmo ao sensualismo, mas sim a construção das personagens sob a ótica das deusas gregas, o que pressupõem um olhar narrativo mais detalhado sobre a essência das personagens enquanto mulheres.

Para a constituição destas imagens, cabe a narrativa da água como elemento primordial às nereidas. Neste caso a água é entendida como a extensão das personagens, a sede de Nádía não se sacia apenas com o ato de beber, mas sim em absorver as simbolizações do elemento, a fúria, a purificação, o rejuvenescimento, a morada, a imponência, a calma, o prazer, a criação.

A utilização da água na arte é cercada por simbologias históricas e culturais. Eliade sobre isto, diz que “(...). As águas simbolizam a soma universal das virtualidades: (...) o reservatório de todas as possibilidades de existência; precedem toda forma e sustentam toda criação (...)” (1992, p. 65). O aprisionamento da água concerne com o conflito existencial de Nádía. Para Nádía, a comunhão com esse elemento significa transcender a própria existência, imergir naquela fervura de sensações que migram de extremos, seria encontrar o próprio eixo na conturbação do mundo.

Ocorre uma ritualização simbólica no processo de transformação de Nádía, a vestimenta floral dada por Nise, recobra na personagem a imagem perdida em meio ao caos cotidiano, a jovem que “cobria o espelho com uma toalha” é chamada ao mundo das delícias do viver e da beleza desperta. Vale ressaltar as alusões realizadas na narrativa, a escolha das flores na estampa da blusa vai de encontro aos adornos florais utili-

zadas pelas ninfas gregas, bem como a atração visceral pelo encontro as águas, até aquele momento habitado somente por Nise. Essas simbolizações reinventadas com outros códigos implicam na reatualização dos ritos. No conto a prática do retorno as concepções originais revelam os impulsos e anseios de Nádía.

Dentre as conjunturas do rito, a transposição do ambiente psicológico para planos mais libertadores ao o espírito de Nádía se torna um dos pontos altos da narrativa. Após todo o processo de reconhecimento do espaço e do próprio ser, a personagem é confrontada com a exteriorização latente dos desejos, as ações precedidas pelas duas personagens organizam a estrutura da simbologia abordada. Em forma batismal, Nise oferece as águas daquele pequeno oceano reprimido, o aquário, em uma concha de mãos, digerida, a água invade o espírito da personagem causando uma profusão sensorial em Nádía.

Por fim, mergulhada no êxtase das águas, as duas meninas encontram o último passo para realização simbólica do rito de passagem. O beijo tem significados diversos em circunstâncias mitológicas, no conto ele vem permeado de uma tênue aplicação sensual que corrobora para a interpretação contrastante do beijo amoroso e erótico para a concretização sacra da ritualização. O beijo é um pacto, o despertar final do transe em que Nádía ocultava a si mesma, ocorre a beatificação de um novo ser. Enfim, este gesto consagra o processo de criação da personagem. Nádía (re)nasce a partir deste ato, para logo desfrutar, apressada, tal qual as Nereidas de Camões, da vida. O mundo é revisto por outra ótica: a do purismo natural das coisas.

6. Considerações finais

O conto “Nereidas” narra um confronto pertinente à existência humana, tendo nisto um reflexo das apropriações mitológicas, Coutinho faz uso deste recurso para decifrar os conflitos de Nádía. Trata-se de uma lógica embasada nas referências, um diálogo delicado com as alusões e com a contextualização narrativa, a exposição dos caminhos implícitos percorridos para a metaforização das ações das personagens. Trata-se do mito contemporaneizado, fazendo sentido na realidade ríspida da monotonia. Sendo isto possível em decorrência das tensões dialógicas entre o sacro e o mítico.

Por fim, em as “Nereidas”, narradas em o “Osculário”, há uma

busca por meio da releitura das perspectivas do mito, visionar uma realidade mais amena e livre para apreciação. A conversão de Nádía em uma ninfa não se atém apenas ao autorreconhecimento, mas também a relação do Ser com o exterior.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, M.M. *Questões de literatura e estética: a teoria do romance*. Trad. DE Aurora F. Bernadini ET. AL. São Paulo: Unesp/Hucitec, 1988.

BAKHTIN, M.M. (V.N Voloshinov). *Maxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. 3. ed. Trad. de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1986.

BAZERMAN, Charles. *Gênero, agência e escrita*. São Paulo: Cortez, 2006.

CASSIRER, Ernst. *Linguagem e mito*. São Paulo: Perspectiva, 1985.

DERRIDA, Jacques. *A escritura e a diferença*. São Paulo: Perspectiva, 1971.

Eliade, Mircea. *O sagrado e o profano*. Trad. de Rogério Fernandes São Paulo: Martins Fontes, 1992.

ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. São Paulo: Perspectiva, 1972.

FILHO, Antonio Coutinho Soares. *Osculário* (Lacrado). Brasília: Kiron, 2014.

FREUD, S. *La interpretacion de Los Sueños*. (segunda parte), (1900-1901). Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1994, 747 p. (Obras Completas V).

GENETTE, Gerard. *Palimpsestos: a literatura de segunda mão*. Trad. de GUIMARÃES, Luciene; COUTINHO, Maria Antônia Ramos *et al*. Belo Horizonte. FALE/UFMG, 2006.

GUIZZO, Antonio Rediver. Dialogismo, Intertextualidade e Polifonia: As múltiplas faces do discurso na literatura Portuguesa contemporânea. In: *Seminário Nacional em Estudos da Linguagem: Diversidade, Ensino e Linguagem*. 2, 2010. Anais. Paraná: Unioeste, 2010.

KRISTEVA, Julia. *Sèméiotikè: recherches pour une sémanalyse*. Paris:

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Seuil, 1969.

MONFARDINI, Adriana. O mito e a literatura. In: *Revista de Estudos Literários*. V. 5. p. 50-61, 2005.

ORLANDI, Eni P. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 5. ed. Campinas: Pontes, 2003.

PAGEAUX, Daniel-Henri. MACHADO, Alvaro Manuel. Do método ao modelo. In: *Da literatura comparada à teoria da literatura*. Lisboa: Edições 70. 1998. p. 125-38

VERNANT, Jean-Pierre. 1992. *Mito e sociedade na Grécia antiga*. Rio de Janeiro: José Olympio.